

## **PRAGMATISMO TRANSDISCIPLINAR?**

### **Grupo Aberto de Pesquisa: Saúde e Transdisciplinaridade**

Apresentação em 27 de agosto de 2012

Maria F de Mello e Vitória M de Barros

#### **Marcos icônicos da investigação**

(circa 750/650 a. C) Hesíodo – Prometeu

(circa 525/524 a.C - 456 ou 455 a.C) Ésquilo – Prometeu Acorrentado

(séc. XII) Chrétien de Troyes/Perceval (1180)

(1813 – 1883) Richard Wagner/Perceval (1821)

(1839 –1914) Charles Sanders Peirce

(1842 – 1910) William James

(1859 –1952) John Dewey

(1889 –1976) - Martin Heidegger

(1900 –1988) Stéphane Lupasco

(1922 –1996) Thomas Kuhn

(1942 –) Basarab Nicolescu

(1948 –) Patrick Paul

## I. Contextualização

O pragmatismo é uma filosofia que emerge nos Estados Unidos em meados do século XIX no período pós-guerra civil americana, fase de desenvolvimento e consolidação do capitalismo industrial quando um horizonte cultural e histórico permitiu o surgimento e posterior desenvolvimento deste novo pensamento que vem responder aos anseios da elite intelectual americana e em alguma medida da sociedade. Seus principais representantes são: Charles S. Peirce (1839 – 1914), William James (1842 – 1910) e John Dewey (1859 –1952).

**Charles Sanders Peirce** ao cunhar o nome Pragmatismo em 1878 o definiu como regra máxima para a clarificação do conteúdo de uma hipótese as suas <<consequências práticas>>. Igualmente, ele introduziu na sua visão epistemológica o falabilismo, uma posição anticartesiana, como norma nuclear para o exercício da investigação.

Os artigos *“The Fixation of Belief”* e *“How to Make our Ideas Clear”* foram os primeiros dois de uma série de seis que Peirce escreveu para o *Popular Science Monthly* como “Ilustrações da Lógica da Ciência” em 1877–78. O segundo deles foi escrito originalmente em francês para a *Revue Philosophique em 1877* e apareceu pela primeira vez traduzido para o inglês em dezembro de 1878 e janeiro de 1879 nas versões nº6 e nº7 do referido periódico. À doutrina que criou neste par de artigos Peirce nomeou de Pragmatismo. A partir de então, Peirce tornou este nome e as ideias neles contidas conhecidas em sua roda de amigos. Contudo, apenas 20 anos mais tarde, em uma conferência pronunciada em Berkely, William James trouxe a robusta tese de Peirce e seu nome para a atenção de um círculo consagrado de filósofos, em um discurso que nomeou: *“Philosophical Conceptions and Practical Results”*.

Peirce diz ter criado o nome Pragmatismo para a teoria segundo a qual “uma *concepção*, ou seja, o significado racional de uma palavra ou de outra expressão, consiste exclusivamente em seu alcance concebível sobre a conduta da vida” (Peirce, 1958). Ele preferia este nome às palavras *praticismo ou praticalismo*, (Idem, p.183) para não se restringir ao significado que Kant dá a esses termos na *Crítica da Razão Prática*, que dizem respeito ao mundo moral e que excluem a experimentação. Pragmatismo peirciano implica em experimentação. Pragmatismo assim compreendido seria uma forma de melhorar o método de Descartes do *a priori* que propunha a auto-evidência, e o método de Leibniz no que trata da definição abstrata.

O Pragmatismo para Peirce diz respeito ao pensamento, ou seja, a uma reflexão de como as pessoas pensam, de como tornar as ideias claras e de como fixar crenças. Os princípios deste pragmatismo repousam essencialmente na necessidade de obter clareza em nossos pensamentos e para isso é preciso apenas **considerar que efeitos**: a) de tipo prático concebível os objetos podem envolver; b) que sensações podemos esperar deles; c) que reações precisamos preparar. O teste último do que uma dada proposta significa, a sua verdade, é a conduta que ela dita e inspira.

## II. Reflexões

### A. Duas vias das tradições filosóficas

Uma reflexão sobre os marcos icônicos da tradição filosófica contemporânea evidenciam a existência de duas vias com índole e temperamentos diferentes, caracterizadas pelo método que utilizam e por suas *demarches*: “método lógico associando análise dos conceitos e experimentos mentais na tradição anglo-americana; método histórico aliando formulação de problemas e história da filosofia na tradição continental.” (Domingues, 2009, p 13). Tradição continental é aqui entendida como europeia e, especificamente a cultivada na França e a Alemanha.

Cada uma dessas vias de tradição filosófica são expressas por duas vertentes: a vertente analítica e experimental, marcada pelo utilitarismo inglês e pelo pragmatismo americano; a vertente da historicidade e da reflexão, o pensar filosófico das escolas francesa e alemã, com método histórico e espírito sistemático, respectivamente.

Ambas as tradições filosóficas aqui mencionadas trazem em seu bojo limitações. Afirma Domingues que a limitação do método lógico é seu logicismo e apego ao universal, que faz com que o filósofo se distancie do contexto espaço-temporal, da historicidade real dos sistemas, das marcas pessoais do autor. A limitação do método histórico, pelo seu contextualismo, se apega ao particular e ao fático, impede “a filosofia de atingir cimos mais elevados, vencendo os limites do tempo e do espaço e fornecendo um discurso universal.” (Idem p. 19)

A partir da contradição *A - não A* eminente nestas duas vias de tradições filosóficas aqui mencionadas, evidencia-se a necessidade da emergência de uma nova via, uma terceira via, capaz de atender uma perspectiva transdisciplinar – ITD de se aproximar da realidade. Esta via, seria um termo *T* emergente capaz de ir além das limitações dos métodos lógicos e históricos. Repetindo, seja a do método lógico traduzida pelo seu apego ao universal, independente do contexto temporal e pelo método histórico, com seu contextualismo e o apego ao particular e ao fático.

Dentro desta proposta, os métodos lógico (ferramenta da filosofia) e o método histórico (ferramenta da biologia, história e da filosofia) são vistos como ferramentas e propedêuticas, no sentido de instrumentos e de preparação para por em curso a exploração da verdade, e não como um fim em si mesmo. Neste sentido, adentraríamos no âmbito da metafilosofia, e seríamos levados a nos aproximar de novos padrões epistêmicos, de uma nova práxis filosófica, de a um novo pragmatismo que poderíamos denominar Pragmatismo Transdisciplinar a partir do 5º Paradigma Transdisciplinar (Sommerman, 2011), após os paradigmas mitológico, filosófico, teológico e científico.

### B. Pragmatismo: Peirce

No artigo, “*The Fixation of Belief*” Peirce aponta que o objeto do raciocínio é a partir do que conhecemos encontrar o que ainda não conhecemos. Ele indica que sempre que a esperança não é verificada pela experiência ela pode produzir resultados

extravagantes, isso porque somos inclinados a nos satisfazer com visões prazerosas independente de seu valor verdade, por isso ele considera a força de um pensamento fundamento um fator decisivo para a evolução do mundo.

Peirce adverte que sempre que as concepções são produto de reflexões lógicas ou se misturam com nossos pensamentos ordinários, há uma grande confusão, e este resultado nunca é objeto de observação. Exemplificando, ele diz que uma coisa pode ser azul ou verde, mas a qualidade de ser azul ou verde não são coisas que vemos, elas são produtos das nossas reflexões lógicas. Assim, o pensamento comum que emerge fora do prático, tem uma má qualidade lógica e são nomeados como metafísico, daí sua crítica à metafísica.

Para Peirce nossas crenças guiam nossos desejos e configuram nossas ações e, por isso, eles devem ser compreendidos. Nossas crenças determinam nossos hábitos. A dúvida é um estado do qual queremos nos livrar de forma a passar para um estado de crença. Contudo, dúvida não muda nossas crenças, mas nos possibilita revê-las. A dúvida nos impulsiona à ação, até que ela seja dissipada, ela luta até que um novo estado de crença seja alcançado. Recorremos à investigação para sair deste estado de irritação causado pela dúvida.

No segundo artigo, “*How to Make our Ideas Clear*”, Peirce refere-se à diferenciação existente nos tratados de lógica entre a concepção de *claro* e *obscuro* e entre concepção de *distinto* e *confuso*. Diz ele: “Uma ideia clara é definida como aquela que é apreendida como tal de modo que será reconhecida seja onde ela for encontrada, de modo que nenhuma outra será confundida com ela. Se ela falha na sua clareza, ela é dita obscura.” (Peirce, p. 114 ). Contudo, a questão dos sentimentos da subjetividade podem deturpar esta clareza. Por isso, a ideia de clareza deve ser suplementada pela ideia de distinção. Peirce escreve: “Uma ideia distinta é definida como aquela que não contém nada que não seja claro.” (Peirce, p. 116).

Aponta Peirce que a limitação destas duas visões é que elas são dadas em termos abstratos. Segundo ele, esta atividade intelectual dos lógicos, por séculos, deixou de lado a engenharia do pensamento moderno e, por isso, seria necessário formular o método de conseguir uma melhor clareza de pensamento. Outra ideia da noção de clareza e de distinção envolve a compreensão de que “nada novo jamais pode ser aprendido analisando definições” (idem, p. 117).

Dito de outra forma, Peirce quer avançar em relação às três propostas anteriores: 1) a de Descartes, que descarta o método da autoridade como cimo da fonte da verdade e passa para um método *a priori* que professa encontrar na mente humana, no que é agradável à razão, como fonte da verdade; 2) a de Kant, fundamentada no *a priori* e, 3) a de Leibniz, na abstração. Assim Peirce afirma que o nível mais alto de clarificação de qualquer ideia emerge e será encontrado, na sua expressão mais alta, considerando que **efeitos** “podem ser imaginados ter propósitos práticos, concebemos o que o objeto de nossa concepção tem” (idem p). Além do mais, crenças e ordem são elementos essenciais para a economia intelectual, tanto quanto os outros elementos já abordados. Assim, ele aponta a necessidade se irmos além da noção de clareza e distinção propostas pela lógica de Descartes, Kant e Leibniz.

A questão que aqui se coloca é a da importância de conhecermos o que pensamos, de tornarmo-nos senhores do nosso próprio sentido de forma a fazermos uma base sólida para o que Peirce nomeia pensamentos grandes e pesados. Outro ponto relevante para Peirce é que a mente pode apenas transformar conhecimento, mas nunca

originá-lo, a menos que ele seja alimentado pelos fatos da observação. Peirce escreve que :

para um indivíduo, contudo, não há dúvida que poucas ideias claras valem muito mais do que muitas confusas.... maturidade intelectual no que diz respeito a clareza tende a acontecer mais tarde.... uma única ideia não clara, atua como uma obstrução de matéria inerte em uma artéria, impedindo a nutrição do cérebro, e condenando sua vítima a se distanciar da plenitude de seu vigor intelectual e no meio de uma abundancia intelectual. "( Peirce, p. 117-118)

Na sua compreensão, é chegado o momento para a formulação de um método capaz de melhor conseguir a clarificação do pensamento, como já se anuncia em alguns pensadores seus contemporâneos. Esse método de clareza das ideias deve ter um nível mais alto e ir além da ideia de distinção proposta pelos lógicos até então. Para Peirce, pensamento, diferentemente de sensação é "um fio de melodia correndo através de uma sucessão de sensações" (Peirce, p. 120). Diz Peirce que :

a alma e o sentido do pensamento, abstraindo outros elementos que o acompanham, apesar de que ele possa ser voluntariamente dissolvido, poderá jamais ser referenciado a sim mesmo a nada a não ser a produção de crença .... o que não se refere a uma crença não é parte do pensamento em si. (PEIRCE, p. 121)

Para Peirce a ação do pensamento é excitada, motivada pela irritação da dúvida, e cessa apenas quando a crença é obtida. Para ele, a única função do pensamento é a produção da crença. Irritação, dúvida, crença, falibilismo (aquilo pelo que se acredita que todas as verdades existenciais teoricamente, se revisadas pela experiência, dão possibilidade ao aparecimento de algo novo e melhor), são aspectos *sine-qua-non* para o pragmatismo peirciano. Crença para Peirce "é algo de que somos conscientes, ... que apazigua a irritação da dúvida, ... que envolve o estabelecimento em nossa natureza de uma regra de ação, ou resumindo, um *hábito*. (Peirce, p. 121). Crença é aqui compreendida como uma regra para ação, e como tal como uma aplicação que instiga novas dúvidas e novos pensamentos. Crença encerra uma contradição: ela é ao mesmo tempo um lugar de parada e um ponto de partida; um pensamento em repouso e em ação, apesar de que pensamento seja sempre, essencialmente, ação e uma ação consiste em *relação*, enquanto uma consequência da ação. Assim sendo, a função do pensamento é produzir hábitos de ação. Cada distinção de pensamento tem um resultado tangível e prático, dito de outra forma, cada resultado tangível e prático tem sua raiz no pensamento.

Para Peirce tudo que for acrescido ao pensamento se for desconectado de seu propósito não pode ser considerado parte dele. Igualmente, se há uma unidade em nossas sensações que não servem como referência de como devemos agir em um dado momento, não podemos chamar isso de pensamento. É a identidade aos hábitos que nos guiam como agir. Cria-se assim um encadeamento onde nossa ação vem do que afeta os sentidos; nosso hábitos do que afeta nossa ação, nossa crença do que afeta nosso hábito, nossa concepção do que afeta nossa crença. Assim, pensamento não tem nenhum significado independente de sua única função. Para Peirce a terceira regra sobre a clareza das ideias é saber que apenas podemos falar sobre qual é o objeto de

nossas concepções ao considerarmos os efeitos que possivelmente terão seus propósitos práticos.

As máximas operacionalistas enquanto teoria do significado e as máximas pragmáticas propostas por Peirce são valiosas para a emergência e compreensão do Pragmatismo TransD, uma vez que para ele qualquer hipótese tem sentido na medida que ela especifica o que precisa ser feito para que possam ser observados os efeitos pré configurados pela própria hipótese, os efeitos que têm em outras pessoas e nas mudanças que opera no ambiente. Concluindo, para Peirce: “<<verdade>> significa que as opiniões que os investigadores devem chegar a elucidar no longo prazo, e o objeto de sua opinião convergente será o significado da <<realidade>>”.

Afinal, o que é a realidade na perspectiva transdisciplinar? Como um Pragmatismo TransD dialogaria com essa realidade? Que crenças o Pragmatismo TransD estaria criando?

### C. Pragmatismo: William James e John Dewey

Do ponto de vista epistemológico é importante estabelecer a relação existente entre a Inglaterra e os Estados Unidos, principalmente pelo fato das colônias inglesas da América do Norte serem consideradas a “Nova Inglaterra”. A Inglaterra é o berço do empirismo de Francis Bacon (1561 - 1626), de Thomas Hobbes (1588 - 1679), e de John Locke (1632 - 1704) e, ainda o lugar do protestantismo de matriz anglicana, metodista, puritana. Esses fatores contribuíram para o florescimento do pragmatismo que nasce para fazer frente e alavancar o processo econômico, social e cultural pelo qual a América do Norte passava.

Mesmo que tenha sido significativa a relação existente entre o empirismo inglês e o pragmatismo norte-americano, a influência do pragmatismo inglês deve ser relativizada quanto às origens epistemológicas da filosofia de Peirce, de James e de Dewey. Embora Bacon seja considerado o “profeta” de uma concepção pragmática da realidade ao eleger o experimentalismo como a única forma possível de conhecimento, muitas críticas foram feitas à sua teoria pelos pensadores americanos. Estas se dirigem especialmente pela primazia dos conceitos de experiência sobre a de conhecimento.

Outra distinção a ser feita é dentro do próprio pragmatismo americano. John Shook no livro *“Os Pioneiros do Pragmatismo Americano”* (2003) diferencia o pensamento de Peirce, de James e de Dewey. Peirce foi o responsável pelo rigor científico e metodológico do pragmatismo, além da contribuição que deu para os estudos de lógica, da filosofia da linguagem e da semiótica, mas dada a sua personalidade controvertida e difícil não conseguiu disseminar seus conhecimentos, pois pouco trabalhou nos meios acadêmicos. Seu pragmatismo foi considerado “o primeiro pragmatismo”.

**William James**, reconhecido como um dos grandes pensadores norte-americanos, por outro lado, popularizou o pragmatismo através das suas célebres conferências publicadas sob o título de “Pragmatismo” ajudado por sua grande articulação, por descender de uma família rica e influente, radicada em Nova Iorque e graças a sua formação intelectual esmerada. Ele foi professor na Universidade de Harvard e tornou-se famoso pelos trabalhos acadêmicos como psicólogo e mais tarde como filósofo. Em seus trabalhos ele tenta evitar não apenas a racionalidade lógica típica dos racionalistas europeus como também a dos idealistas alemães e, constrói sua teoria mesclando uma

psicologia rica em implicações filosóficas e uma filosofia enriquecida por sua experiência em estudos em psicologia.

Em sua teoria do Ser, claramente baseada nas propostas peircianas, James aborda a visão da crença humana como sendo orientada para a ação consciente, o que o obriga a se debruçar em questões filosóficas. Sua teoria pragmática considera tanto o significado das ideias quanto a verdade das crenças enquanto ambas fizerem diferença prática na vida das pessoas. James abordou e discutiu temas ligados à crença religiosa, liberdade se opondo ao determinismo, correspondência se opondo à coerência, e dualismo versus um monismo de tipo materialista, e deixou como legado um estudo profundo sobre a fenomenologia do eu e da consciência, sobre a concepção da verdade que sempre está submetida à experimentação e é passível de revisão.

A epistemologia desenvolvida por James se baseia em princípios que ele defendia com ardor: repúdio ao racionalismo por suas noções de verdades existenciais construídas *a priori*; negação da importância do idealismo alemão, principalmente, o de Hegel; uma adesão relativa à tradição do empirismo moderno; e uma adesão absoluta ao "*pragmatismo primeiro*" de Peirce, mesmo que tenha modificado e subvertido muitos de seus princípios.

O método pragmático desenvolvido por James foi explicitado em diversas palestras que ministrou sobre o pragmatismo e onde o apresenta como um meio termo mais atraente entre as duas abordagens principais da filosofia europeia: de um lado, a abordagem que tende a ser racionalista, intelectualista, idealista, otimista, religiosa, comprometida com a liberdade, monista, e dogmática; de outro lado, a abordagem empírica baseada em sensações, materialista, pessimista, irreligiosa, fatalista, pluralista e cética. Para ele, seu método tinha que ser ancorado na realidade e, portanto, em fatos empíricos. Ele considerava que toda a investigação precisa ser significativa para os envolvidos e ter a função de trazer consequências práticas sem o que desmereceria nosso tempo ou esforço. Ele considera a filosofia como uma abordagem legítima ao lado do senso comum e da ciência.

Sua teoria pragmática da verdade foi bastante discutida e consiste em dizer que qualquer coisa que pode ser conhecida deve ser verdadeira se estiver em concordância com a realidade. Ele defende uma interpretação mais dinâmica e prática que mostra que uma ideia verdadeira ou uma crença deve poder ser incorporada por nós se validada experimentalmente. A "realidade" com que as verdades devem concordar tem três dimensões: questões de fato, relação de ideias (como as verdades da matemática) e todo conjunto de verdades com as quais estamos comprometidos. James afirma que para dizer que as nossas verdades devem "concordar" com tais realidades pragmaticamente significa que elas devem nos levar a consequências úteis. Sua posição relativista gerou as mais duras críticas entre os filósofos mais tradicionais do seu tempo.

Muitas das ideias acima mencionadas, caras a James, são baseadas no pragmatismo peirciano. Contudo, diferentemente de Peirce, o pragmatismo de James era premente da Psicologia; não privilegiava a lógica como mecanismo primordial na investigação; seu fim era prioritariamente utilitário; estava mais preocupado com a aplicação do conceito do que em sua concepção teórica; correspondia mais fortemente aos ideais das raízes do protestantismo americano; e atendia aos apelos do utilitarismo da sociedade industrial que emergia. A vertente de James do pragmatismo é a que tem marcado o pragmatismo como o entendemos comumente.

**John Dewey**, também veio da área da psicologia, se torna mais tarde filósofo, educador, crítico social e ativista político. Ele nasceu e se formou em Vermont e lecionou em diversas universidades americanas. Seus estudos em psicologia vão aos poucos se mesclando com a pedagogia e depois com a filosofia, o que o leva a ser diretor do departamento de filosofia, psicologia e pedagogia na Universidade de Chicago. Ministrou muitas palestras no exterior levando suas teorias para fora dos Estados Unidos, trabalhando como consultor educacional em diversas ocasiões. Como ativista político tomou parte em diversos movimentos sociais e políticos de sua época, tais como o apoio ao sufrágio das mulheres, educação progressiva, os direitos dos educadores, o movimento humanista e a paz mundial.

O pragmatismo de Dewey surge para reparar o atraso da filosofia americana em relação ao mundo moderno onde inúmeras revoluções ocorriam: a revolução científica e o empirismo de Bacon, que funda a ciência moderna; a revolução industrial que emerge devido ao avanço do capitalismo juntamente com o desenvolvimento da ciência; a revolução política, representada pelo pensamento democrático e pelo liberalismo. A filosofia e as experiências humanas, segundo o pragmatismo e, especificamente, segundo Dewey, devem ser reconstruídas, isto é, pensadas dentro de um viés utilitário e pragmático porque o conhecimento até essa época tinha sido pensado distante de sua significação útil. A lógica racionalista que dava suporte a esse tipo de pensamento deveria se aproximar da experiência cotidiana.

No pragmatismo de Dewey, o plano epistemológico existe para resolver os problemas práticos da vida dos indivíduos e das comunidades humanas. O empirismo “clássico” de Bacon, de um lado, considerava o método científico e ignorava o mundo da vida e, do outro, sua filosofia dualista reforçava o antagonismo entre a razão e a experiência. O que Dewey pretendia era romper com os dualismos, reunir em um mesmo plano epistemológico esses dois elementos. Assim, para ele o pragmatismo é ao mesmo tempo uma continuidade e uma ruptura com o empirismo na medida em que o pragmatismo é uma atitude empírica, sem ser radicalmente empírica e está vinculado ao plano prático e útil. Dewey reforça a necessidade de evitar “as falsas crenças”, o “fechamento ao novo” e a “tendência à inércia e ao dogmatismo”.

Do ponto de vista epistemológico, Dewey afirma a necessidade da reflexão crítica no conhecimento científico e sua historicidade. Ele acreditava que o pragmatismo que defendia era uma forma de melhorar, ajustar o que acontecia corrigindo as coisas segundo interesses pessoais e comunitários. A preocupação de Dewey coincidente com a de Peirce, era com a produção de conhecimento que incluía estudos de lógica e noções de experiência e de problematização. O pensamento de Dewey não utiliza nem a lógica formal nem a lógica aristotélica e nem tão pouco a lógica matemática. Sua preocupação, enquanto pragmatista, são as interrelações que se estabelecem entre os objetos e entre objetos e sujeitos, sempre tendo em vista um fim útil e, conseqüentemente, e a necessidade de evitar e combater os dualismos razão/experiência; ideal/real; teoria/prática; indivíduo/sociedade já que todo conhecimento acontece, não na sua fragmentação, mas na continuidade da experiência.

Segundo Dewey, o pragmatismo não é uma filosofia vulgar que considera o útil e o prático como algo menor e sem importância, mas os conceitos de utilidade e praticidade que dão sustentação ao pragmatismo de Dewey têm a ver com a vida como experiência humana, com a vida prática. Para conhecermos, portanto, é importante manter uma atitude anti-intelectualista que nega a razão transcendental, o racionalismo

ou o idealismo. Sendo o pragmatismo um tipo de empirismo que não está preso às emoções, mas aos fatos observáveis e às leis científicas que são formuladas a partir destes, retira o conhecimento do plano metafísico colocando-o à disposição dos indivíduos, mas mantém a sua vinculação com o plano útil, pragmático da vida.

O pensamento filosófico de Dewey como um todo tinha uma preocupação fundamental, pouco compreendida na época, que era dar conta e explicitar as formas pelas quais se poderia manter uma comunidade democrática genuína e coesa no seio das transformações econômicas e culturais da nova ordem industrial progressista que tomava o lugar da velha ordem agrícola tradicional. Seu principal compromisso era com a educação progressista e com as políticas democráticas e, é impossível pensar nessas esferas sem recorrermos ao legado de Dewey. Ele, reconhecidamente, fundamentou a visão de uma educação que fosse coerente com a nova sociedade que nascia e que exigia um público mais articulado que tivesse desenvolvido métodos de inteligência que não se definissem por reduções, mas, ao contrário, ampliasse a visão e a prática como um todo tendo em vista o desenvolvimento e o progresso. Para ele, a democracia genuína era “primariamente um modo de vida associado, de experiência comunicada conjuntamente”.

As ideias acima mencionadas se inspiram no pragmatismo de Peirce e de James. Dewey retoma aspectos do pragmatismo peirciano que deixaram ter relevância para James tais como a importância da teoria para construção da prática, o valor dado à lógica e especificamente à lógica não binária, a necessidade de pensar o coletivo, entre outros. Diferentemente de James, o pragmatismo de Dewey é mais sociológico que psicológico, dá um status às emoções, enfatiza o político, a historicidade. Seu utilitarismo e pragmatismo evidenciam o coletivo e a coerência com a sociedade emergente. A visão do pragmatismo em Dewey traz contribuições relevantes para a emergência do Pragmatismo Transdisciplinar.

A partir de 1970 outros autores contribuíram para o desenvolvimento do pragmatismo revisitando-o: Willard Quine (1908 – 2000), Richard Rorty (1931 – 2007), Hilary Putnam (1926 – ) e Robert Brandom (1950 – ) e, então, o pragmatismo ganhou contornos específicos com cada um deles.

#### **D. Dasein e Dasein**

Poderia a abordagem fenomenológica de Martin Heidegger contribuir para a compreensão do Pragmatismo Transdisciplinar?

Ao comentar sobre o conceito de fenômeno, Heidegger explora as raízes gregas desta palavra. Elas referem-se a *mostrar-se* e, também, ao *que se mostra*, ao *que se revela*. *Trazer para a luz do dia* é para ele o que deve ser mantido como significado da expressão fenômeno, ou seja, o que se mostra a si mesmo. Para os gregos, os fenômenos são identificados como os << entes >>, ou seja, a totalidade de tudo que é. Estes entes podem mostrar-se a si mesmos de várias maneiras, dependendo de sua via e modo de acesso. Os entes podem até se mostrarem como aquilo que não são. *Aparecer, parecer, aparência* podem ser denominados modos de mostrar-se.

Heidegger aponta que manifestar-se é um não mostrar-se. O mostrar-se que torna possível a manifestação não é a manifestação em si. Assim, o conceito de manifestar-se não é delimitado, mas um pressuposto, pressuposto este que permanece encoberto. Manifestar-se é entendido como anunciar-se mediante algo que se mostra.

Há uma ambiguidade na palavra manifestar-se, pois ela é ao mesmo tempo o que se anuncia e o que se mostra, pois o que se anuncia, não se mostra, apenas indica algo que não se mostra.

Fenômenos nunca são manifestações, e toda manifestação é remetida a um fenômeno. É necessário entender o conceito de manifestação para compreender o que é o fenômeno. A compreensão de um fenômeno depende da interrelação em sua estrutura do *aparecer, parecer, aparência*. O exemplo citado pelo filósofo para a compreensão desta ideia é a doença. Fenômeno, para ele é um mostrar-se. (Heidegger, 2009 p. 68 -69).

Contudo, existe ainda um outro significado para <<manifestação, manifestar-se>>, ou seja, algo que *emerge*, que se *irradia*, naquilo mesmo que se anuncia e se manifesta, como aquilo que *nunca pode se revelar*. Para Heidegger: fenômeno é <<o que se mostra para a si mesmo>>, é um modo privilegiado de encontro enquanto que <<manifestação>> indica a remissão referencial dos entes.

É nessa tensão entre o *aparecer, parecer, aparência* que se inscreve as dimensões ôntica e ontológica da realidade. Dimensão ôntica é aquela da existência enquanto mundo dos entes por meio do qual ou no qual o Ser se desvela e que abarca o ser dos entes, com suas determinações essenciais. Dimensão ontológica é aquela da realidade enquanto a conjuntura estrutural do Ser, do Ser como o acontecimento de todos os acontecimentos, como protótipo do Ser que acontece antes dos Entes. É nessa conjuntura estrutural onde há uma *acontecimentalidade* do ser antes dos entes existirem.

Pensar o Ser como ente é deturpá-lo. Ser é acontecimento, o que acontece e não pode ser confundido com o que carrega o Ser – o ente. O Ser nos dá o ente, o ser é *dom, dádiva, doação*. O Ser se dá. O Ser é injunção, exigindo de nós a assunção (assumir, elevar-se) fiel de sua doação ao mundo. O Ser se abre no ente ao mesmo tempo em que dele se retira. O Ser é sem medida. Medida é sempre a inscrição de um ente.

A fenomenologia heideggeriana evidencia dois sentidos: 1) método de exposição das estruturas fundamentais; 2) arcabouço teórico para dar uma resposta à crise da ciência contemporânea. Para Heidegger a fenomenologia é o que se mostra não o que está representado. Em alguma medida a compreensão do termo por ele criado DASEIN, impossível de ser traduzido em uma definição, elucida sua visão se apreendemos suas duas interpretações: **DA**sein e da**SEIN**. Segue aqui algumas poucas referências sobre o termo:

**DASEIN** = DA= advérbio AÍ; aí para o ser e para a abertura; SEIN = verbo SER. No livro *Ser e Tempo*, escrito em 1927, Heidegger indica que o processo **DASEIN** repousa no **DA**; no *Tempo e Ser*, o filósofo indica que o mesmo processo repousa no **SEIN**. Assim fica evidenciado que a essência do homem tem relação com o **SEIN** e a abertura com o **DA**.

Mas o que é o **DASEIN**? Qualquer definição ou tradução é incapaz de expressar a complexidade desta palavra. **DASEIN** tem sido traduzida como: SER AÍ; SER – O – AÍ ; o Ser no Mundo; existência individual; presença; verdade; cura; sentido; preservação; conjunto de todas as possibilidades; o que se retira das massas; silêncio absoluto; sujeito como autenticidade máxima e última; conjuntura estrutural; o desequilíbrio por excelência; o puro movente; o puro mutante. **DASEIN** não é animal racional; não é intencionalidade; não é intencionalidade da consciência; não é mônada; não é ideia; não tem gênero, nem espécie, nem categorias, não é *logos*; não é *res cogitans*; não é vontade

e representação; não é vontade de poder; não é coletivo; não é desenvolver papéis, funções.

A palavra ôntico, em alemão, refere-se ao *existenziell* que remete a uma metafísica específica que trata dos entes, diz respeito aos entes. Ser brasileiro, pertencer a uma espécie biológica, capitalismo, comunismo, objetos, ideia é do âmbito do ôntico. A ciência se interessa pelos entes. Para Heidegger, a filosofia tratou dos entes e se interessou pelo ser dos entes, não pelo SER. Os entes podem ser categorizados, eles têm sustância. Para ele, os filósofos que o antecederam, deram conta muito bem do ser dos entes, mas não fizeram a pergunta certa: o que é o Ser? Eles não obtiveram a resposta sobre o Ser por não terem se ocupado dele, uma vez que Platão tratou da ideia; Aristóteles do Logos; Descartes do *res cogitans*; Kant da vontade e poder; Hegel do espírito absoluto; Schopenhauer da vontade e representação; Nietzsche da vontade de poder. Na modernidade, o Ser está identificado com o pensamento e isso é a modernidade em sua essência e nela o sujeito é idêntico ao objeto. Contudo, o sujeito não é idêntico a nenhum objeto, a nenhum ente.

A palavra ontológico, em alemão, refere ao *existenzial* que remete a uma metafísica fundamental que trata do Ser. Esta ontologia fundamental retoma a questão do sentido do Ser. Ela não diz respeito aos entes, mas ao que se pode encontrar aí e isso refere-se ao Ser ao **DASEIN**. A fenomenologia do DASEIN se dá pelas estruturas. Existir é a condição de Ser no mundo, de ser humano. Tudo que diz respeito à retomada do sentido do Ser é ontológico. Ontologia é a metafísica do sentido do Ser. Para Heidegger a ontologia é uma metafísica. Essência está no tempo que é, não é coisa. O mundo é a efetivação do DASEIN.

Como em toda a sua desconstrução da metafísica, **investigação e pensamento** são dois horizontes fenomenológicos para Heidegger para toda sua investigação, inclusive em se tratando da obra de arte. Heidegger não se ocupa da obra de arte nem do ponto de vista do objeto ou do criador, ou do expectador. A obra de arte para Heidegger não é uma estética, nem fruição subjetiva como preconizada por Baumgarten, Kant e Schiller, nem acontecimento criador como queria Nietzsche, mas uma posição estrutural que transcende. Arte é um deslocamento, uma “terra” que se retira e ilumina.

A obra de arte para Heidegger não é subjetiva. Ela é um produto do coletivo potencializado, que ajuda a responder a pergunta acerca do Ser, acerca da gênese da ontologia. A arte, neste sentido busca a gênese não posicionada no âmbito dos entes. A obra de arte é vista por ele a partir de como ela leva à essência, à origem, a ideia de “a partir do que e por meio do que” a obra de arte é “o que é e como é”, as possibilidades de seu surgimento.

A obra de arte está entre a “coisa” e o utensílio. Coisa não é nem acidente, nem substância. Não é o que se apreende pelos sentidos, sensibilidades, sensações. Se tomarmos a coisa como o que se mostra para nós inviolabilizamos o que ela quer nos mostrar. A coisa é um campo livre que pode revelar o caráter da própria coisa. A substância da obra de arte suas qualidades – extensão, forma, cor, peso. – não revelam a obra de arte. Ainda que a cor seja um filtro semântico, mesmo assim ela não revela a origem. A “coisa” não é uma concepção da unidade matéria e forma – isso é como a obra de arte é reduzida pela estética. Mesmo conhecendo o esquema de matéria e forma não captamos a obra de arte se não sabemos em que campo fenomenológico ela se origina. A obra de arte vai muito além disso, desta feita, jamais conseguimos determinar o que ela plenamente é. Não podemos utenciar a obra de arte – seja como representação

social, orgia, ganância....Mesmo a obra de arte sendo utensílio no sentido de servir para algo ela não nos leva ao Ser. A obra de arte não pode ser utensílio nem produção do intencional. Ser não é ente, não é utensializável, é origem. A arte surge para levar ao homem em direção ao Ser, ao contrário da técnica que afasta o homem do Ser.

O foco da proposta de Heidegger não é a existência, mas a verdade. Apesar de começar não como um fenômeno, mas como um produto ela deve levar ao fenômeno original. O Ser não é uma substância, nem um utensílio. Mas no utensílio está a mostraçãõ de como ele é nele mesmo, ou seja, tal como ele é no horizonte originário, o que ele é antes de ser posicionado pelo artista ou pelo espectador. Qual é a rede de remissões que se estabelece diante a uma obra de arte? Até onde ela pode nos levar? Isso é alcançado por nossa capacidade intelectual e não no significado da obra ou intenções de seu autor. A própria obra encerra a rede de remissões.

A obra de arte aponta para si mesmo e para seu campo fenomenal originário. Na obra de arte, pela rede remissiva, a verdade do ente se põe em obra. A função da obra de arte é : *“Por-se– em–obra da verdade”*. A verdade se põe em obra na obra de arte. Isso tira toda a dimensão subjetiva da obra de arte! Isso é a sua universalidade. O acontecimento da arte tem uma peculiar universalidade. A obra de arte mostra a sua rede remissiva, a sua rede referencial. A obra de arte traz um aceno para a dimensão abismal. A verdade é essa experiência, a experiência do Ser. Este revelar-se sempre oculta algo. Neste sentido a obra de arte é um acontecimento, não uma substância. O acontecimento exige o desapropriar-se totalmente de si para receber o seu próprio DaSEIN. A arte é para Heidegger o lugar da verdade – o poder histórico e fundacional de si mesmo.

Se a abordagem transdisciplinar é fenomenológica por excelência, seja no nível existencial ou sutil, a abordagem dada à fenomenologia por Heidegger é uma grande contribuição para a configuração do campo fenomenal do pragmatismo transdisciplinar. Somos levados a pensar que corpo paradigmático do qual emergirá o pragmatismo transdisciplinar tem como a grande e talvez única pergunta: o que é Ser?

### **III. Raízes Arquetípicas do Pragmatismo TransD**

#### **A. Prometeu**

Nossa reflexão nos incitou a explorar as raízes do pragmatismo em épocas remotas. Nessa linha de reflexão privilegiamos três vertentes: a primeira grega, a segunda chinesa e a terceira europeia. Segue aqui algumas considerações sobre o mito de Prometeu:

Há várias versões sobre o mito de Prometeu na mitologia grega, e numa das versões ele é um descendente tardio dos Titãs. Seu nome, no idioma grego, significa ‘o que vê antes, o que prevê’. Ele era filho de Jápeto e de Clímene, irmão de Atlas, Epimeteu, ‘o que vê depois’ e Menécio, se tornou o progenitor de Deucalião. Como titã, ele é uma figura que nasce da terra e do fogo do sol e sua natureza é seca e ígnea e por isso distante do envelhecimento e deterioração.

Muito amigo de Zeus, Prometeu ajudou o deus supremo a driblar a fúria de seu pai Cronos, o qual foi destronado pelo filho. Em troca, Zeus lhe concede sua amizade. Mas Prometeu gostava da companhia dos homens o que deixou Zeus indignado e colérico. Prometeu enganou Zeus por duas vezes.

O primeiro engano aconteceu em Mecone quando Prometeu, desejando enganar a Zeus e beneficiar os homens, matou um boi e o fracionou em dois pedaços, ambos ocultos em tiras de couro; destas frações uma detinha somente gordura e ossos, enquanto a carne estava reservada para o pedaço menor e que seria dada aos homens. Prometeu tentou oferecer a parte mínima para os deuses olímpicos, mas Zeus não aceitou, pois desejava o pedaço maior. Prometeu entrega a parte maior a Zeus, mas ao se dar conta de que havia sido ludibriado, este se enfurece e subtrai do homem o domínio do fogo, simbolicamente priva o homem do *nous*, da inteligência.

O segundo engano foi quando Prometeu querendo beneficiar os homens rouba o fogo que é o atributo de Zeus através do raio, colocando-o astuciosamente no oco de uma fôrula, pois essa planta tem uma natureza combustível e assim, os homens passam a ter o fogo a sua disposição não dependendo mais do raio de Zeus para concedê-lo. Ao roubar o fogo sagrado para dar aos homens, lhes concedeu o poder de pensar e raciocinar.

A raiva de Zeus cresceu ainda vez mais quando ele descobriu que seu pretense amigo o estava traindo. O fato é que Zeus decidiu punir Prometeu, decretando ao seu filho Hefesto, o deus ferreiro, que o prendesse em correntes junto ao alto do monte Cáucaso, durante 30 mil anos, durante os quais ele seria diariamente bicado por uma águia, a qual lhe destruiria o fígado. Como Prometeu era imortal, seu órgão se regenerava constantemente, e o ciclo destrutivo se reiniciava a cada dia. Isto durou até que o herói Hércules o libertou, substituindo-o no cativeiro pelo centauro Quíron, igualmente imortal que havia sido atingido por uma flecha e como seu ferimento não tinha cura, ele estava condenado a sofrer eternamente dores terríveis. Assim, substituindo Prometeu, Zeus permitiu a Quíron se tornar mortal e perecer serenamente. Na tragédia Prometeu Acorrentado, Ésquilo escreve:

Ele roubou o fogo, - teu atributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais! Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses, para que aprenda a respeitar a potestade de Zeus, e a renunciar a seu amor pela Humanidade.(ÉSQUILO, p. 113)

Podemos compreender esse mito de várias formas e abordá-lo de muitas maneiras e, como mito, seu sentido nunca será esgotado, a começar pelo nome Prometeu, que lhe confere uma característica fundamental: a de *métis* - inteligência astuciosa - previdente, a *métis* retorcida. Nessa história existe um desequilíbrio evidente: Zeus é o pai dos homens e dos deuses e é soberano. Toda sua trajetória contada na *Teogonia* nos mostra como ele venceu seus inimigos por sua superioridade e inteligência (ele engole a deusa Métis, portanto tem a inteligência astuciosa dentro), além é claro de possuir o *nous*, a inteligência reflexiva, o espírito; Prometeu é um titã, e sua *métis* tem uma natureza diferente, ele é habilidoso na arte de tramar. Existe, portanto, uma oposição entre o intelecto e o espírito. "O criador Prometeu, símbolo do intelecto falível, opõe-se à representação do princípio supremo de toda criação, o espírito-Zeus". (Diel, 1991, p. 221)

Quanto ao castigo dos homens e em resposta as tramas de Prometeu, Zeus incumbe Hefesto de fabricar uma mulher para dar a Epimeteu, - o que via depois, o imprudente (irmão de Prometeu) - assim é criada Pandora, a primeira mulher e com isso transforma os *ánthropoi* (seres humanos) dividindo-os em *andrés* (homens) e *gynaikes* (mulheres): Pandora traz portanto a separação. Ela carrega ainda um jarro contendo todos os males e ainda a Elpís (a espectação, pré-ciência, espera, a esperança) e com ela se instaura a condição humana, Pandora inaugura uma outra era marcada pela separação onde a sexualidade é a forma de criação que requer dois opostos para dar vida a um terceiro. Paradoxalmente, ao trazer a separação ela traz também a possibilidade de união, de reunião.

No mito de Prometeu vemos que o novo ser, Pandora, foi moldado de uma mistura de terra e água e ganha dois atributos: o primeiro, *audén* (linguagem humana em potência), linguagem essa dos *ándres*, necessária a essa nova condição já que a dos *anthropoi* não era mais suficiente para o entendimento com os deuses; o segundo, a força, o vigor físico do homem. Na sua confecção, essa nova criatura deveria se assemelhar de rosto às deusas imortais e de corpo à uma bela virgem. Começa então o processo de imitação, de fabricação e, assim, a mulher vai se constituir num Paradoxo: ela é a imitação do que já existe e ao mesmo tempo, não sendo totalmente nova, ela é a primeira da sua espécie. Ela é um produto da *tecné*, das artes enquanto que o homem, o homem primordial, está do lado da *physis*, ele é, ao lado dos deuses, o elemento original. Todos que nascem a partir dela, são cópias.

Algumas deusas são chamadas para dar a Pandora elementos que farão parte da sua constituição: Atena lhe ensina os trabalhos e o complexo ofício de tecer e lhe dá seu precioso cinto; Afrodite lhe oferece a beleza e a insufla com o penoso desejo e as preocupações devoradoras; Hermes é convocado para colocar no peito do novo ser a conduta dissimulada de um ladrão, a astúcia e o espírito do cão que indica sua capacidade de absorver a energia do macho. As Graças, embelezam-na com lindos colares de ouro e as Horas coroam-na de flores primaveris. Assim, quando Epimeteu aceita o belo presente que Zeus lhe envia, uma nova era começa: a vida se anuncia cheia de dificuldades e limitações, introduzindo o trabalho como forma de conseguir a manutenção da vida, a fadiga aparece. Assim Zeus introduz um mal e Pandora dissemina os males. Segundo Diel:

Entendido em toda sua amplitude significativa, Prometeu é o símbolo da humanidade. Seu destino simboliza a história essencial do gênero humano: o caminho que conduz a inocência animal (inconsciente), através da intelectualização (consciente) e do perigo do seu desvio (o subconsciente), até a eclosão da vida supraconsciente (o Olimpo). Este caminho é simbolicamente traçado pelo ciclo dos mitos judaico-cristãos, onde o inconsciente é representado pelo Paraíso, o consciente pela vida terrestre, o subconsciente pelo inferno e o supraconsciente pelo Céu. (1991, p. 233)

## **B. Tao Te King**

Nossa reflexão nos incitou a explorar as raízes do pragmatismo em épocas remotas. Nessa linha de reflexão privilegiamos três vertentes: a primeira grega, a segunda chinesa e a terceira europeia. Algumas considerações sobre o Tao Te King:

O que o Tao significa? O significado dessa palavra foi se formando através dos tempos nas várias escolas de tradição sapienciais inicialmente na China e que depois se espalharam pelo Oriente. Essas correntes diferem na forma de ver o mundo, valorizam aspectos distintos da vida cotidiana e de como atingir a virtude e a vida harmoniosa.

**Tao** pode ser ao mesmo tempo caminho em direção a algum lugar, trajeto, trilha e, também, um modo como fazemos as coisas ou um modo como conduzimos nossa vida. Tao pode significar uma discussão, um texto, parágrafo ou sentença. Pode ser a maneira de pensar e de falar. Pode se referir à natureza fundamental da realidade, àquilo que as coisas realmente são, a maneira como o universo existe.

A obra que fundamenta a tradição Taoista é o *Tao Te King* cuja autoria é discutível, mas comumente atribuída a Lao Tze, possivelmente contemporâneo de Confúcio. Esta obra é uma coleção de textos que foram compilados nos séculos III ou II a.C. Ele é constituído por dois livros: o primeiro, começa com a palavra **Tao** que significa caminho; o segundo começa com a palavra **De** que significa virtude. O Tao Te King pode ser lido de muitas formas e com muitas finalidades: como um texto religioso, filosófico, político e, até mesmo de estratégia militar.

Temos o **Tao** e o **De** contrastados. **Tao** é o escuro, o todo desconhecido e indiferenciado, o vazio pleno. **De** é virtude, a forma que pensamos sobre as coisas como luz. O espaço negativo, o escuro, o Tao é a base para o espaço positivo. A coisa positiva emerge do Tao para entender a relação entre este novo positivo que emergiu das nossas construções conceituais e o estado primordial. Esse é o mais profundo mistério.

No Tao Te King, Tao é primeiramente o Tao da vida, um modo vida, um modo de viver em harmonia com o universo, o modo que faz que o Tao do universo seja a natureza fundamental de todas as coisas, isto é, o jeito certo da vida acontecer em harmonia com o universo. Assim como a vida humana está centrada no pensamento e na linguagem, em fazer as distinções, as discriminações, então é o Tao é também um Tao do pensamento e da linguagem. Assim o Tao é: a natureza do universo, a maneira como devemos pensar sobre a natureza do universo, e como viver de acordo com esse movimento.

Os taoistas são muito críticos do Confucionismo e ao mesmo tempo têm como eles uma preocupação comum com a compreensão da palavra *wu-wei*, comumente traduzida como *não ação*, *ação sem esforço*, com ênfase na virtuosidade, uma espécie de fluidez e ação, fluidez e vida que vem de uma longa prática .

Alguns pontos importantes da visão taoista do mundo são claramente expressos no Tao Te King, dentre eles:

- a vida exige uma poda constante, um desbastamento, que requer cortar, tirar fora, lapidar, se livrando dos acréscimos de forma a permitir o retorno ao estado natural, portanto é uma volta a origem e uma valorização. Para os taoistas, a cultura inibe nossa naturalidade, nos tornamos melhores quanto mais nos desnudamos da cultura e retornamos ao estado primordial.
- Para os taoistas a ênfase está no *background*/no plano velado, plano de fundo, nos antecedentes, na base profunda, nas profundezas. Não se trata de construir uma espontaneidade, mas de recuperar uma espontaneidade sem esforço que temos em nós desde o nascimento.
- Há sempre uma suspeita da linguagem, do pensamento discriminativo no taoísmo, a recomendação é retornar ao modo primordial de pensar que é anterior e mais fundamental do que aquilo que contorna o pensamento lógico.

Isso leva a introdução da ideia que é necessário Uma Base de Experiência Primordial não Discursiva que torna os signos, o pensamento, a linguagem e a ação possíveis.

- Há uma ideia muito cara ao Tao Te King, a de que o mundo está aberto para os *através*, para uma espécie de tomada de consciência/de um estado de permanente presença onde tudo que acontece deve ser levado em conta. Eles priorizam a calma e a abertura para receber o que vem, pois o que sucede vai embora.

A maioria das interpretações do Tao Te King enfatiza a relação entre desejo e realidade. Deixar os desejos para traz e ver a realidade como ela é, de modo desapegado, nos facilita acessar os mistérios da vida. Nosso desejo nos prende aos objetos e não na coisa em si.

A leitura do Tao Te King nos mostra a primordial, indiferenciada e inefável natureza da realidade e o mundo das coisas distintas, que nomeamos e descrevemos tais como: objetos e suas propriedades, coisas que queremos e que não queremos, coisas que achamos boas, coisas das quais nos apropriamos, sujeitos, objetos. O ponto é que essas coisas são uma e a mesma, experienciadas de várias formas, que expressam a unidade do diferenciado e do indiferenciado, o não conceitualizado e o conceitualizado. Nesse jogo permanente se inscreve o grande mistério e o grande enigma.

Outro ponto importante de que fala o Tao Te King é a ideia da mútua relatividade de todas as coisas, a mútua dependência dos opostos que nos faz, muitas vezes, caracterizar algo através deles. E acima de tudo, o Tao Te King aponta nossa tendência de escolher um dos pares de opostos em detrimento do outro quando, na verdade, não existe um polo privilegiado num dado par de opostos. Essa tendência mostra que estamos sempre comparando, julgando a aparência que projetamos nas coisas e nos esquecendo da qualidade intrínseca delas. São nossas preocupações que tornam os objetos o que eles são, a realidade não está previamente esculpida para nós em entidades.

A compreensão do *wu-wei* - enquanto ação virtuosa espontânea é fundamental para a vida harmoniosa. Se acharmos algo bonito não quer dizer que é melhor, mas simplesmente que eu gosto mais disso. As nossas preferências dizem algo sobre nós e não sobre as coisas que escolhemos. E se reconhecermos esse fato, podemos começar a interagir com o mundo através do *wu-wei*, de maneira leve, sem esforço, espontaneamente, sem cálculo, sem atribuir propriedades abstratas às coisas. Temos que ver e ouvir o todo, o plano de fundo, pois ele é parte do mundo em que vivemos, diz o Tao, mesmo que escolhemos focar em algo concreto e temporal. Ao prestarmos atenção ao plano de fundo e ao primeiro plano, plano da concretude, somos capazes de recuperar um engajamento espontâneo com toda a matriz do mundo.

Reconhecer que somos apenas uma parte do todo é a suprema virtude. O sábio reconhece que as ações não iniciam com ele, a ele cabe apenas começá-las. Tudo é parte de um vasto conjunto de processos. Ele não reivindica para si o que ele realiza, pois as realizações são a consequência da confluência de uma vasta rede causal de acontecimentos. E essa rede causal é construída por muitas pessoas ao longo de muitos e muitos anos e a vida de cada um é um fato particular, é apenas a extração de um momento tirado de um plano de fundo, de um plano maior.

## C. Percival

Nossa reflexão nos incitou a explorar as raízes do pragmatismo em épocas remotas. Nessa linha de investigação privilegiamos três vertentes: a primeira grega, a segunda chinesa e a terceira europeia. Segue aqui algumas considerações sobre o mito de Percival:

A vertente europeia explorada foi a história de Percival, apoiada em duas versões: na francesa de Chrétien de Troyes, *Perceval ou le Roman Du Graal* e alemã de Wolfram von Eschenbach, *Perzival*, ambas escritas no séc. XII. Percival, cujo nome é em si revelador por se referir ao atravessar o véu, o vale, trata da construção e da destruição do templo, do castelo invisível, da cura do rei ferido através de uma longa saga. A versão de Troyes se inscreve na tradição judaico-cristã da busca do Graal e, a de Eschenbach na tradição mítica germânica do Graal de Munsalvaesche.

Na saga de Percival tudo se passa em um mundo existencial, no qual não há uma unificação do reino. Na versão de Troyes, o rei Arthur implora a Merlin a unificação de seu reino, que se consumará pela cura do Rei Pescador. Na versão de Eschenbach a unificação pretendida é no reino de Anfortas, o rei ferido, filho de Frimutel, neto de Tinturel e tio de Percival.

A linha narrativa de Percival é um campo de sucessivas experiências que mapeiam o caminho iniciático. Encontrar o Graal é receber a língua universal, é a reapropriação de um nível de realidade muito alto que traz a fragrância do Real. Percival vive muitas histórias, cada uma delas é parte do todo. Percival não sabe o que está vivendo, ele ignora sua sabedoria. Ele vive um desapego total, vive o presente da vida. Sua experimentação terá a capacidade de fixar algo que está no caminho e culminará pela ligação de seu corpo existencial e espiritual.

Percival reverencia a Dama, a figura inspiradora, a inspiração. Este seu caminho mostra a necessidade de dinamizar e reverenciar a Beleza, pois a abertura para a dimensão espiritual implica em estar em ressonância com o Belo.

Inúmeras passagens desta experimentação são carregadas de significado, de sinais e apontam uma destinação. Dentre elas a forte cena onde cabeças são cortadas e rolam. Cortar a cabeça é abrir-se para outra dimensão, é poder estabelecer uma nova ligação com a vida, é o nascimento para a imaginação, intuição, espontaneidade, criatividade. Corta-se a cabeça para perder o sangue humano e abrir-se para o surgimento do sangue real.

Assim, a experimentação de Percival é um processo energético, iniciático e não moral. Percival encontra suas próprias energias vitais, experimenta o mundo a partir do caminho espiritual. Ele não recusa, nem recua face ao confronto. Se não houver confrontação real, também não há caminho. Percival, primeiramente escuta, depois ele vê, ele não se protege, ele enfrenta, ele é vigilante. Sua ligação é primeiramente com a realidade, depois com a vida, depois com a morte e num contínuo purgar, purificar acontece a experiência do fazer o caminho. A experiência de Percival é uma passagem, uma abertura para o campo de LUZ.

Estaria nesta raiz arquetípica, a grande experimentação do Pragmatismo Transdisciplinar?

#### IV. O que faz o Pragmatismo ser Transdisciplinar?

Podemos falar em um pragmatismo transdisciplinar? Se compreendemos transdisciplinaridade também como uma epistemologia, como uma vivência da incompletude, como aquilo que está ao mesmo tempo *entre – através – além* das disciplinas, das coisas e das pessoas, como um transatravessar as fronteiras do conhecimento formal e tácito, acadêmico e não acadêmico que visa a emergência do sujeito em sua multidimensionalidade – o que consistiria um pragmatismo que pudesse dar conta desta complexidade?

Imaginar o que seria um pragmatismo de natureza transdisciplinar a partir de um corpo paradigmático transdisciplinar requer pensar que lógica, que estética, que referenciais cognitivos e que instrumentos heurísticos poderiam levar o exercício da dimensão *trans* à sua máxima plenitude, sem o qual o sentido deste pragmatismo não emergiria. Isso sem que este gesto jamais deve ser confundido com uma receita ou com um *check list*.

A lógica deste pragmatismo se instala dentro de uma dinâmica fluída, não binária que tem como próprio de si a contradição e o paradoxo, inferências transdutivas e abdutivas, as dinâmicas de potencialização e atualização, com seus estágios intermediários de semi-potencialização e de semi-atualização (Lupasco, 1982). Ela tem como função clarificar nossas ideias e elucidar as consequências das nossas escolhas, forjar e reformular nossas concepções, crenças, hábitos e ações.

A estética deste pragmatismo é um *por-se-em-obra – da verdade*, isto é, do Ser, e da *contemplação*, no sentido de estar a serviço do conhecimento e da sabedoria pulsante na dimensão transD.

Os referenciais cognitivos capazes de nutrir o pragmatismo transdisciplinar têm como morada: a humanização da ciência, a multidimensionalidade da realidade, a imaginação, a fenomenologia sutil, a Arte como expressão do Ser, a emergência do sujeito, o sagrado, o inefável. Dentre os instrumentos heurísticos deste pragmatismo encontram-se: modelos operativos; pragmatismo processual: vivência – reflexão – experiência; alternância tripolar: razão sensível – experiencial – formal; Arte como contraposição à técnica. Estes instrumentos que permitem a investigação e ação do pragmatismo transdisciplinar precisam estar em ressonância com a lógica, a estética e os referenciais cognitivos acima mencionados.

O sentido enquanto destino, direção, orientação, sentimento, significado e viabilidade que promove o Pragmatismo Transdisciplinar emerge do sentimento de falta, da busca da plenitude, de mortes como transformação, da percepção da emancipação pela Beleza e pelo Belo e pela possibilidade de vir a Ser. Pragmatismo transdisciplinar assim concebido opera em sistemas de alta complexidade, que precisam superar-se a si mesmos.

O *Surplus*, um tipo de dispositivo ou atividade de cunho cultural ou de conhecimento não diretamente relacionado ao sistema configurado, introduzido em um dado sistema e que contribui para sua superação. Isso acontece, pois ele deixa à disposição do sistema recursos mais vastos do que os necessários para a sua auto-reprodução, daquilo que ele já tem de singular em si mesmo. O *surplus* uma vez que deixa disponível e promove um alargamento do espectro, amplia a margem da escolha. Ele oferece uma maior indecidibilidade, e isso possibilita e permite maior autonomia, ao aumentar as possibilidades dessa escolha. Neste sentido, ele aumenta o poder do

sistema sobre si mesmo. (Barel, 2008, p. 178). O *surplus* tem como objetivo instigar a curiosidade, estimular a imaginação e o horizonte investigativo da pessoa com relação à dinâmica já instalada. Barel define esta noção como:

uma parte da <<matéria>> social que o sistema potencializa para se reproduzir como sistema. O *surplus* social é, pois, este indivíduo ou grupo que tem um <<plus>> de cultura que ele não leva em conta para seu papel, um valor *plus* contudo, indispensável à sustentação deste papel. (Idem p. 163-164).

O Pragmatismo Transdisciplinar está no processo de *por-se– em–obra*. Cada passo, seja na direção de sua concepção ou de sua atualização é uma contribuição valiosa para melhor ouvir e atender às questões subjacentes ao drama humano individual e coletivo.

Seria o Pragmatismo Transdisciplinar um Terceiro Incluído que emerge da tensão entre o par de opostos: Filosofia da Ilha/ Continente ↔ Raízes Arquetípicas do Ser?

## Bibliografia

- BAREL, Y. *Le Paradoxe et le système*. Grenoble: Presses Universitaires, 2008.
- DEWEY, J. *The Essencial Dewey - Volume 1*. Bloomington: Indiana University Press, 2010
- DIEL, P. *O Simbolismo na Mitologia Grega*. São Paulo: Attar Editorial, 1991
- DOMINGUES, I. *O Continente e a Ilha - duas vias da filosofia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- GEYER, D. L. *The Pragmatic Theory of Truth as developed by Peirce, James and Dewey*. Reprints of University of Michigan Library, 2012
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- HEIDEGGER, M. *O caminho da Linguagem*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, M. *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- HEIDEGGER, M. *Que É Uma Coisa?* Lisboa: Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 1987.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os Dias*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996
- JAMES, W. *Pragmatism and Other Writings*. New York: Penguin Group, 2000.
- LOPARIC, Zeljko. *A Escola de Kyoto e o Perigo da Técnica*. São Paulo: DWW Editorial, 2009.
- LUPASCO, Stéphane. *Logique et Contradiction*. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.
- LUPASCO, Stéphane. *Le Principe D'Antagonisme et La Logique de L'Énergie -Prolégomènes à une science de la contradiction*. Paris: Hermann & C<sup>ie</sup> Éditeurs, 1951.
- LUPASCO, Stéphane. *Science et art abstrait*. Paris: René Julliard, 1963.
- LUPASCO, Stéphane. *Qu'est-ce qu'une structure?* Paris: Christian Bourgois, 1967.
- LUPASCO, Stéphane. *Du Devenir Logique et de L'Affectivité - Première Partie: Le Dualisme Antagoniste* (Volume I). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1973.
- LUPASCO, Stéphane. *Du Devenir Logique et de L'Affectivité - Deuxième Partie: Essai d'une Nouvelle Théorie de la Connaissance* (Volume II). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1973.
- LUPASCO, Stéphane. *Les Trois Matières*. Strasbourg: Editions Cohérence, 1982
- MENAND, L. *Pragmatism - A Reader*. New York: Vintage Books, 2011
- MOUNCE, H. O. *The Two Pragmatisms*. Kindle Edition, 1997
- NICOLESCU, B. *Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 2000.
- NICOLESCU, B. *O que é a Realidade?* São Paulo: TRIOM, 2012
- PAUL, P. *Formação do Sujeito e Transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 2009.
- PEIRCE, C.S. *Selected Writings (Values in a Universe of Change)*. New York: Dover Publications, 1958

PEIRCE, C.S. *Essencial Peirce - Selected Philosophical Writings Volume I*. Bloomington: Indiana University Press, 1999

PEIRCE, C.S. *Essencial Peirce - Selected Philosophical Writings Volume II*. Bloomington: Indiana University Press, 1999

SALANSKIS, J.M. *Heidegger*. São Paulo: Editora Estação Liberdade Ltda., 2011.

SÓFOCLES e ÉSQUILO. *Rei Édipo, Antígone, Prometeu Acorrentado*. São Paulo: Ediouro. Coleção Clássicos de Bolso,?.

SHOOK, J. *Os Pioneiros do Pragmatismo Americano*. São Paulo: DP&A Editora, 2003

SOMMERMANN, A. *A Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade como Novas Formas de Conhecimento para a Religação de Saberes no Contexto da Ciência e do Conhecimento em Geral*. Salvador: 2012.

REVISTA REDESCRIÇÕES – Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-americana - Ano 2, Número 1, 2010.